

**Mariano Marovatto**

## **O turista [excertos]**

### **1.**

O turista tem em si a autoridade de uma alma universal, uma responsabilidade que estimula uma visão incomum e soberana diante do inexplorado. Do sistema da natureza, enquanto paradigma descritivo, o turista desenvolveu uma apropriação absolutamente benigna do planeta. Ele viaja e escreve, pode transformar qualquer coisa em literatura. “A paisagem é uma composição”, diz o turista, “não o retrato pessoal de um lugar, mas uma construção ideal de motivos característicos. Sua finalidade é expressar o caráter de uma região, ou o conceito geral da terra que nos foi prometida”. O turista é tocado pela fantasia e pelo sentimento. Seu estilo facilmente degenera para uma prosa poética. São desvios sinceros. “O tratamento estético dos elementos da natureza apresenta grandes dificuldades de composição”, diz o turista, “embora pese a maravilhosa energia e flexibilidade da nossa língua-mãe”. A ligação entre um objetivo literário e um objetivo puramente científico, o desejo de ativar a fantasia e de, simultaneamente, através de um incremento do saber, enriquecer a vida com ideias, tornam difícil ordenar cada uma das partes individuais e alcançam a unidade que uma tal composição exige. A riqueza da natureza desconhecida convida à acumulação de imagens e a acumulação perturba, quer a serenidade, quer o efeito do mural que se pinta aos olhos do turista. Mas ele é infatigável.

## 2.

Grande humanista, o turista. Sobrevive a esta aventura singular de sentir-se em casa em qualquer parte. Embora tenha que lidar com uma série de obstáculos que impedem o tratamento estético dos grandes cenários, ele é excelso ao comunicar a descoberta. A dificuldade é ingrediente do seu fascínio. Há, porém os nativos. Claro que os nativos são seres iluminados por uma cultura, seres antropológicos, em pleno exercício de sua existência. Possuem religião, governo, leis e profissões. Mas, por limitações, primam por uma inacessibilidade. Uma diferença que se expressa por ausências ou faltas. Não colaboram, assim, com o enigma do cenário que lhes deu berço. Porém, enquanto o pensamento nativo parece alheio à procura de um código próprio, o turista obriga-se arquiteto das mitologias. O turista é o grande mediador do planeta.

**3.**

“A nobreza de nascimento é puramente acidental e, por conseguinte, insignificante para mim”, diz o turista. “Procuro noutra local as fontes da nobreza, bebo dessa nascente e devolvo soluções”. Eis um profundo sentimento de responsabilidade. É um dever aplicar a sua herança intelectual e transmiti-la por todos os canais que possui à sua disposição. É um serviço da cultura e do ideal de civilização. Também sabe o turista que as mais graciosas cenas da vida natural foram sempre acessórias dos hinos homéricos, tal como exige o carácter da epopeia. Desde cedo foi-lhe ensinado que as belezas de sua terra natal são inextricavelmente inseparáveis da pátina do tempo humanizado; que sua natureza é a única e por isso universal, e, tal qual a donzela, esteve à espera de ser encontrada e possuída.

4.

Decorria o turista para uma vida de bonança, permeada de festins. Havia estado por toda a parte. Teria andado pelo extremo oriente quando deu por si que o mundo já não teria mais segredos que o impressionassem. Houve um período de silêncio. “Na paz da bonança, a natureza dormita, e toda a terra estila um vago bocejo de tédio e saudade”, diz o turista. A sua missão parecia cumprida quando, numa tarde suave de tristeza e desengano, teve a notícia de uma nova viagem. Caracterizado pela disponibilidade, pela abertura plena à apreensão real, o turista que mansamente descaia sobre seu próprio ocaso, não pôde fugir à obcecação. “Porquanto considerei meu dever perante a ciência não deixar escapar tão inusitada e rara viagem, ainda mais em condições que pareciam tão propícias”, diz o turista.